

Ideação Suicida na População Universitária: Uma Revisão de Literatura

Adelino Gonçalves Pereira¹ & Francisco dos Santos Cardoso²

Copyright © 2015.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution International License 3.0 (CC BY-NC-ND).

<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/>



¹ Força Aérea Portuguesa; Laboratório de Psicologia Experimental Clínica da Escola de Ciências Humanas e Sociais da UTAD, Portugal. E-mail: adelinogpereira@gmail.com

² Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro; Laboratório de Psicologia Experimental Clínica da Escola de Ciências Humanas e Sociais da UTAD, Portugal.

Resumo

O presente artigo dirige-se ao estudo da ideação suicida nas populações universitárias incidindo na análise de dados de prevalência e na relação que a ideação suicida estabelece com fatores comumente associados, como a depressão, a solidão, o consumo de drogas e com variáveis sociodemográficas e académicas. Os diferentes estudos apontam valores preocupantes de prevalência de ideação suicida, ligada à mudança de contexto de vida e às exigentes tarefas aliadas ao período de formação académica e profissional. Por fim, aponta-se para a necessidade de implementação de mais investigação e de uma adequada intervenção junto do estudante que apresente indicadores de psicopatologia e de sofrimento psicológico.

Palavras-Chave

Suicídio, ideação suicida, psicopatologia, estudantes universitários.

Introdução

O jovem chegado à universidade transporta em si a sua dimensão projetiva criativa em potência, mas também o peso dos constrangimentos económico-sociais e de sonhos paternos. Na adolescência, o indivíduo vivencia um conjunto alargado de mudanças em todas as áreas da sua vida, mobilizando os seus esforços para descobrir e definir a sua identidade (Arslan, Ayranci, Unsal, & Arslantas, 2009) mediante as tarefas psicológicas normativas deste período de desenvolvimento (Almeida, 2006). De fato, entrada na universidade traz consigo a abertura de novas perspetivas e permite traçar caminhos com muitas expectativas e ilusões em relação ao futuro profissional e, em grande medida, também pessoal (cf. Chafey, 2008). No entanto, em função de características pessoais e de determinadas circunstâncias sociais e culturais, a adaptação do jovem ao contexto universitário pode não ser bem-sucedida, podendo conduzir a uma vulnerabilização da saúde mental do jovem universitário, fazendo emergir conflitos existenciais e traços psicopatológicos latentes e, no extremo, ao processo suicida. O suicídio tem-se revelado como a segunda principal causa de morte entre os adolescentes portugueses (Oliveira, 2006) e tem constituído uma das três principais causas de morte dos sujeitos entre os 15 e os 35 anos (World Health Organization, 2000), pelo que deverá merecer uma acentuada preocupação tanto das autoridades como da sociedade em geral.

Tendo em conta o exposto anteriormente, o presente artigo tem como objetivo principal apresentar uma revisão da literatura acerca da ideação suicida e um conjunto de fatores associados a esta variável em estudantes universitários: depressão, solidão, consumo de drogas, variáveis sociodemográficas e académicas. Para além disso, e com o intuito de uma melhor compreensibilidade contextual, também se expõem dados relativos a adolescentes e jovens adultos não-universitários, por constituírem os períodos em que tipicamente se frequenta o ensino superior.

Método

A revisão de estudos foi focada nas bases de dados *EBSCO*, *Elsevier*, *ScienceDirect*, *Sage*, *PubMed* e *Scielo* e no motor de pesquisa da *Google*. Por seu turno, os termos de pesquisa foram “university students”, “college students”, “students”, “adolescents”, “young adults”, “college students and suicidal ideation”, “university students and suicidal behavior”, “students and psychopathology”, “college students and depression”, “students, loneliness and life satisfaction”, “university students and academic performance”, “university students and drugs”. De forma semelhante, foram pesquisados termos/conceitos correspondentes em língua portuguesa, na base de dados *Scielo* e no motor de pesquisa da *Google*. E, por fim, foram consultadas as bases de dados da World Health Organization (WHO) e do Instituto Nacional de Estatística (INE).

As referências selecionadas obedeceram ao critério da recência da sua publicação (82% foram publicada na última década) e as restantes foram selecionadas em função da sua importância para a compreensão do estado da arte do estudo dos comportamentos suicidários nas populações universitárias.

Conceptualização dos comportamentos suicidários

Ao longo dos tempos têm sido propostas inúmeras definições para a conceptualização do suicídio (Saraiva, 2006) por perspectivas teóricas diferentes, tais como a sociologia, a psicologia, a psiquiatria ou a filosofia, tendo, algumas delas, pontos comuns, mas sendo, essencialmente, complementares (Peixoto & Azenha, 2006). O termo “suicídio” deriva do latim, das palavras – *sui* – de si mesmo, e – *cidium* – matar, representando, assim, o ato de matar-se a si próprio. A conceptualização do suicídio implica a constatação de um conjunto de premissas essenciais: a morte do indivíduo; tem que ser praticado pelo próprio; ocorre de modo ativo (e.g. envenenamento) ou passivo (e.g. fome); e tem que implicar intencionalidade em terminar com a própria vida. Considerando estes domínios, o suicídio pode ser definido como “an act with fatal outcome, which the deceased, knowing or expecting a potentially fatal outcome, has initiated and carried out with the purpose of bringing about wanted changes” (De Leo, Burgis, Bertolote, Kerkhof e Bille-Brahe, 2006, p. 12).

O espectro de comportamentos suicidários é bem mais abrangente, inclui outros conceitos tais como o para-suicídio, a tentativa de suicídio e a ideação suicida. O para-suicídio caracteriza-se por um “acto não fatal, através do qual o indivíduo protagoniza um comportamento invulgar, sem intervenção de outrem, causando lesões a si próprio ou ingerindo uma substância em excesso, além da dose prescrita, reconhecida geralmente como terapêutica, com vista a conseguir modificações imediatas com o seu comportamento ou a partir de eventuais lesões físicas consequentes” (Sociedade Portuguesa de Suicidologia, 2013). Por sua vez, a tentativa de suicídio define-se “como o ato levado a cabo por um indivíduo e que visa a sua morte, mas que por razões diversas não é alcançada” (Sociedade Portuguesa de Suicidologia, 2013). O fator primordial de diferenciação entre estes dois conceitos é o grau de intencionalidade em por termo à vida. Enquanto na tentativa de suicídio o indivíduo tem intenção de morrer, mas é frustrado, no comportamento para-suicidário a sua intenção é, essencialmente, manipulativa. Para além disso, a definição clássica de para-suicídio comporta: as auto-lesões, definidas como comportamentos auto-agressivos moderados aos quais o indivíduo recorre para aliviar a tensão sentida, por não possuir estratégias mentais que lhe permitam lidar com estados emocionais indesejados e intensos; e as auto-mutilações, que se caracterizam por comportamentos auto-agressivos mais graves, tais como a amputação de membros.

A ideação suicida, enquanto comportamento pertencente ao espectro de comportamentos suicidários, diz respeito ao pensamento ou ideia que engloba desejos, atitudes ou planos do indivíduo para acabar com a sua própria vida (Borges & Werlang, 2006) e constitui um dos primeiros indicadores de que alguém poderá vir a cometer suicídio (Raue, Brown, Meyers, Schulberg, & Bruce, 2006). De acordo com a American Psychiatric Association (Diagnostic and statistical manual of mental disorders, 2000) as ideias de suicídio podem ser passivas, quando o sujeito considera que não vale a pena viver, e ativas, quando o sujeito tem pensamentos de se ferir ou de se destruir a si próprio ou quando realiza planos específicos para se suicidar.

Delimitado o campo conceptual, iremos em seguida apresentar dados de prevalência da ideação suicida em populações universitárias.

Prevalência de ideação suicida em populações universitárias, em adolescentes e jovens adultos

Os estudos até agora existentes relativos à prevalência de ideação suicida em estudantes universitários apresentam resultados muito diversos, sendo relevante considerar o período de análise a que a investigação se reporta, isto é, se questionam exclusivamente acerca do momento em que os estudantes participam na investigação, acerca do mês anterior ou acerca de todo o seu desenvolvimento, como vamos abordar de seguida.

Considerando o momento da participação no estudo ou o período até às quatro semanas anteriores à inquirição dos participantes, Eisenberg, Gollust, Golberstein e Hefner (2007) encontraram uma prevalência de ideação suicida de 2.5% em estudantes de licenciatura e 1.6% em estudantes de pós-graduação dos EUA. Também com populações universitárias americanas, Garlow et al. (2008) e Arria et al. (2009) verificaram que os pensamentos suicidários estavam presentes em 11.1% e 6% da amostra, respetivamente. Com amostras recolhidas na Suécia e na Itália foram obtidos valores de 13.7% e 14.3%, respetivamente (Fridner et al., 2009). No mesmo sentido, Tyssen, Vaglum, Grønvold e Ekeberg (2001) verificaram que 14% dos estudantes noruegueses que participaram no seu estudo tiveram ideias de suicídio no último ano, enquanto Eskin, Voracek, Stieger e Altinyazar (2011) encontraram uma prevalência de 11.3%, numa amostra austríaca, e 12% numa amostra turca. Por sua vez, no estudo de Pereira e Cardoso (2015) foi verificada, em Portugal, uma taxa de prevalência de 10.7%.

Apesar de as estatísticas anteriormente apresentadas indicarem que a prevalência de ideação suicida é mais comum do que por vezes se possa pensar, os resultados tornam-se ainda mais alarmantes quando se questiona os estudantes sobre se alguma vez na vida tiveram ideação suicida, demonstrando que se trata de um fenómeno bastante frequente (Garlow et al., 2008). Tyssen et al. (2001) encontraram uma prevalência de 43% em estudantes noruegueses, sendo que as ideias de suicídio eram explicadas por fatores como a

falta de controlo, pelos traços de personalidade, por ser solteiro, por acontecimentos de vida negativos e por *distress* psicológico, nomeadamente, ansiedade e depressão. É de ressaltar ainda que 8% dos estudantes já chegaram a planear o suicídio e 1.4% tentou suicidar-se. Também o estudo transcultural de Eskin et al. (2011) permitiu verificar que ao longo da vida cerca de 26% da amostra turca e 35% da amostra austríaca teve ideação suicida e que 5.8% e 2.2% dos participantes dessas amostras, respetivamente, já tentaram suicidar-se em alguma ocasião. Na amostra portuguesa Pereira e Cardoso (2015) foi observada, para a ideação suicida ao longo da vida, uma taxa de prevalência de 12.6%, sendo inferior às referidas anteriormente. Em termos gerais e comparativamente, Portugal apresenta uma taxa de suicídio mais baixa (9.5 suicídios por cada 100.000 habitantes) (Instituto Nacional de Estatística, 2010) do que, por exemplo, a Áustria (17.9 suicídios por cada 100.000 habitantes) ou do que a Noruega (10.9 suicídios por cada 100.000 habitantes) (Sociedade Portuguesa de Suicidologia, 2010), o que poderá, de alguma forma, refletir a prevalência significativamente mais reduzida que se verificou na amostra de estudantes portugueses comparativamente com os estudantes universitários de outros países. Sem, no entanto, se pretender descurar que o suicídio constitui a segunda principal causa de morte entre os adolescentes portugueses (Oliveira, 2006).

Se estendermos o levantamento da prevalência de ideação suicida a adolescentes e estudantes não-universitários não deixamos de obter dados com relevância clínica, verificando-se prevalências na ordem dos 36% em adolescentes brasileiros (Borges & Werlang, 2006) e 37.9% em adolescentes austríacos (Dervic et al., 2007), considerando o tempo de vida. Em análise da presença desse tipo de ideias nos últimos 12 meses, verificámos, por exemplo, que 22% de uma amostra ugandesa pensou seriamente em cometer suicídio (Rudatsikira, Muula, Siziya, & Twa-Twa, 2007). Os autores desta investigação referem ainda a existência de fatores associados à ideação suicida, como a falta de supervisão parental, ser vítima de bullying (condição muito significativa que se aplicava a mais de metade da amostra), ser do sexo feminino e o consumo de tabaco e de álcool.

Estes dados, no seu conjunto, não nos podem deixar indiferentes, e alertam-nos para a necessidade de existirem mais campanhas de prevenção do suicídio já que a ideação suicida é bastante comum entre os adolescentes e, no caso de maior relevância para esta redação, entre os estudantes universitários. E como fator de aumento de preocupação, os estudos também indicam que a existência de história de ideação suicida é um fator preditor de morte por suicídio (Garlow et al., 2008).

Ideação suicida, suicídio e sintomatologia depressiva

A presença de ideação suicida está associada a menores níveis de saúde mental dos estudantes universitários (Roberto, 2009). De fato, a maioria dos estudos que abordam a ideação suicida referem a depressão, a ansiedade, as desordens da personalidade (Tyssen et

al., 2001; Borges & Werlang, 2006; Gençöz & Or, 2006; Eisenberg et al., 2007; Garlow et al., 2008; Peter, Roberts, & Buzdugan, 2008; Lasgaard, Goossens, & Elklit, 2010) e a existência de automutilações (Kirkcaldy, Eysenck, & Siefen, 2004) como os importantes fatores associados a este fenômeno. A percentagem de estudantes universitários que apresentam ideação suicida e sintomatologia depressiva é bastante significativa, uma vez que à medida que aumenta a severidade dos sintomas depressivos aumentam as ideias de suicídio (Garlow et al., 2008; Arria et al., 2009). A associação entre a ideação suicida e a depressão não é inesperada, dado que uma das manifestações dos comportamentos depressivos está ligada aos desejos de morte, o que leva a tentativas de suicídio frequentes e ao suicídio consumado, algo que se intensifica quando se evidencia de forma mais intensa a visão negativa do mundo e do futuro (Borges & Werlang, 2006); ou seja, quando também estão presentes sentimentos de desesperança. Esta conjugação de fatores dá origem a um estado psicológico que ultrapassa as categorias típicas de diagnóstico, descrevendo um estado interno de intensa angústia (*distress*), do qual o sujeito sente uma necessidade urgente de alívio (Garlow et al., 2008), podendo ver como única solução rápida e eficaz acabar com a sua própria vida. Mas mesmo quando os comportamentos depressivos não levam ao ato consumado do suicídio, estes têm um impacto significativo na vida pessoal do estudante e no seu comportamento, diminuindo significativamente a satisfação com a vida (Arslan et al., 2009).

A relação tripartida entre depressão, suicídio e ideação suicida também tem sido alvo de muita investigação. Eisenberg et al. (2007) verificaram que cerca de 67% dos estudantes universitários que reportavam ideação suicida tinham também algum tipo de perturbação depressiva, sendo a Perturbação Depressiva Major a mais comum (cerca de 43% dos casos). Cavestro e Rocha (2006) apuraram que a prevalência de depressão entre os cursos de Medicina, Fisioterapia e Terapia Ocupacional se situava nos 8.9%, 6.7% e 28.2%, respetivamente. Por sua vez, o risco de suicídio para cada um dos cursos era de 7.5%, 7.8% e 25.6%, seguindo a ordem referida anteriormente. Na totalidade da amostra, a prevalência de depressão rondava os 11% e o risco de suicídio os 10%. Estes dados são muito interessantes para evidenciar a relação entre o suicídio e a depressão. Pode verificar-se que as taxas de prevalência de ambas as variáveis, depressão e risco de suicídio, estão muito próximas em cada um dos cursos e na totalidade da amostra, sugerindo que quando existe uma maior prevalência de depressão existe também um maior risco de suicídio.

Os alunos estudam nos cursos favoritos apresentam menores níveis de depressão quando comparados com aqueles que estão nesses cursos por segundas opções, por não terem tido classificação suficiente para serem admitidos nos cursos favoritos, pela preferência familiar ou pelo fator maior facilidade de emprego (cf. Arslan et al., 2009). Relativamente às diferenças entre áreas dos cursos, os alunos que estudam ciências sociais ou políticas tendem a apresentar maiores níveis de depressão, ansiedade e stress do que

aqueles que estudam ciências aplicadas básicas, engenharias ou Medicina (Bayram & Bilgel, 2008). Cavestro e Rocha (2006) verificaram que entre os cursos de Fisioterapia, Enfermagem e Terapia Ocupacional era este último que apresentava uma prevalência significativamente maior de depressão e maior risco de suicídio (com cerca de quatro vezes mais hipóteses de desenvolver depressão e cometer suicídio). Já Cerchiari, Caetano e Faccenda (2005) obtiveram uma prevalência de transtornos mentais maior em alunos de Enfermagem e de Letras, quando comparados com os alunos de Direito e de Ciências da Computação. Para além disso, os alunos de Enfermagem evidenciaram maiores níveis de stress, mostrando que a exigência na formação tem um efeito negativo sobre o desempenho académico, a saúde física e o bem-estar emocional. Por sua vez, a presença de perturbações psicossomáticas e de desejos de morte é mais frequente nos alunos de Letras. O stress percebido durante a formação académica em Medicina também demonstra estar associado a pensamentos suicidas (Tyssen et al., 2001). Estes dados mostram-nos que o sofrimento psicológico é mais comum nos estudantes em que o objeto de estudo é o Ser Humano, independentemente da área específica que é estudada (Cerchiari et al., 2005). Mas a diferença existente na prevalência de depressão e no risco de suicídio entre os cursos referidos pode dever-se, também, à diferente satisfação dos alunos com o curso que frequentam, uma vez que os alunos que estão satisfeitos com o mesmo apresentam menores níveis de depressão e de ansiedade (Bayram & Bilgel, 2008).

Por sua vez, as preocupações em relação ao futuro profissional também mostram ter um impacto significativo sobre a saúde mental dos estudantes. O estudo de Arslan et al. (2009) suporta esta afirmação, já que cerca de 57% da sua amostra manifestava preocupação em relação ao seu futuro profissional e era neste grupo que se verificava a maior prevalência de depressão. Cerchiari et al. (2005) referem que por vezes a universidade não prepara suficientemente bem o estudante para o seu exercício profissional, deixando-o inseguro em relação ao seu futuro. Para além disso, a conjuntura socioeconómica desfavorável aumenta as incertezas do jovem em relação às oportunidades de trabalho e de desenvolvimento profissional e pessoal.

Arslan et al. (2009) verificaram também que os estudantes com maiores níveis de depressão obtinham piores valores em todos os domínios da satisfação com a vida. Para além disso, os indivíduos que apresentam níveis elevados de neuroticismo ou desesperança estão em maior risco de sofrer de ansiedade e depressão, sendo que estas perturbações colocam os sujeitos em risco acrescido para o comportamento suicidário (Beautrais, 2003) e afirmam-se como importantes preditores de ideação suicida para ambos os sexos (Tyssen et al., 2001; Kirkcaldy et al., 2004). A sintomatologia depressiva, concretamente, mostra-se um preditor relevante independentemente da presença de outras variáveis psicológicas ou demográficas (Lasgaard et al., 2010). Borges e Werlang (2006) referem que um adolescente com depressão tem nove vezes mais hipóteses de manifestar ideação suicida do que aqueles

que não apresentam depressão e um adolescente que manifeste desesperança tem uma probabilidade sete vezes maior ter ideias de suicídio do que aqueles que não manifestam tal sentimento. Tendo em conta a associação entre a depressão e a desesperança reportada pela literatura, um indivíduo que num determinado momento manifeste ambas as condições terá uma probabilidade muito elevada de ter ideias de suicídio graves, assim como de se suicidar, independentemente de a sintomatologia ser leve, moderada ou grave (Borges & Werlang, 2006; Arria et al., 2009). Por sua vez, Curran, Gawley, Casey, Gill e Crumlish (2009) referem que a depressão em estudantes universitários está associada a um fraco suporte social e a um maior número de eventos stressantes. Como o estudante universitário muitas vezes se afasta do seu local de residência para continuar a sua formação, pode notar uma quebra significativa nos contactos sociais e no número de pessoas disponíveis para obter apoio, o que pode despoletar um conjunto de problemas emocionais.

A presença de depressão não explica por si só a ideação suicida. Em muitos casos há variáveis comórbidas que contribuem de forma significativa para que o indivíduo pense em acabar com a sua própria vida e noutros casos a sintomatologia depressiva nem sequer está presente ou, então, está presente, mas sem atingir relevância clínica. Por exemplo, Arria et al. (2009) verificaram que apenas 40% dos estudantes com ideação suicida atingiam os critérios necessários para serem diagnosticados com depressão. Ora, sem se minimizar o valor em si mesmo, o fato é que, nesse estudo, para os restantes 60% com baixos níveis de depressão, os principais preditores de ideação suicida identificados foram a carência de suporte social e a desregulação emocional. Aspeto este que irá merecer a nossa atenção em outro momento de reflexão.

Solidão, satisfação com a vida e pensamentos suicidas

Hoje é sabido que a qualidade e quantidade das relações interpessoais estabelecidas, assim como o sentimento de pertença a um grupo e a ligação a pessoas significativas desempenham um papel importante na satisfação com a vida, uma vez que o isolamento social, resultante do facto de o jovem não se sentir integrado socialmente e não ter desenvolvido sentimentos de pertença, pode criar condições propensas à ideação suicida e ao suicídio (cf. Joiner, 2005), principalmente na transição para a universidade, uma vez que esta implica alterações ao nível das relações familiares e dos pares (Arria et al., 2009). De facto, nas populações universitárias, especificamente, verifica-se que a satisfação com as relações interpessoais está associada negativamente com os níveis de solidão e positivamente com os níveis de satisfação com a vida, encontrando-se o sentimento de solidão mais acentuado na população feminina e, inversamente, na população masculina verificaram-se maiores níveis de satisfação com a vida (Bugay, 2007). No entanto, será interessante realçar que na população estudantil não é apenas a insatisfação com as relações interpessoais que se associa aos sentimentos de solidão. Um estudante

universitário, devido à fase de desenvolvimento em que se encontra enquanto Pessoa e ao facto de optar pela formação superior, encontra-se, à partida, entre dois focos de elevada importância: os relacionamentos interpessoais e o desempenho académico, nem sempre conciliáveis. Aqueles alunos cujo desempenho académico fica abaixo das suas expectativas apresentam maiores níveis de depressão e solidão, enquanto aqueles que têm tendência para serem organizados e manterem expectativas elevadas, mas pouco discrepantes em relação ao seu desempenho, apresentam uma maior satisfação com a vida e menores níveis de depressão e solidão (Wang, Yuen, & Slaney, 2009). Os indivíduos do primeiro grupo, possivelmente, podem estar mais vulneráveis ao não sentirem preenchidas as necessidades de suporte emocional, quer pelos pais, quer pelos pares, nos períodos de frustração. E nesse caso, sem ter o suporte emocional e social que desejavam ter, podem ficar em maior risco de suicídio (cf. Page et al., 2006).

O estudo dos laços sociais diz respeito a uma área de investigação que tem merecido um foco de atenção particular. O exemplo de que estas variáveis são consideradas relevantes assenta nas investigações dedicadas a analisar prioritariamente o suporte social, a solidão e o isolamento social (Peplau, 1985). A investigação tem demonstrado que existe uma associação positiva entre a necessidade de pertença (caracterizada pelo desejo de ser aceite pelos outros, de pertencer a grupos e pela reação negativa à rejeição) e a solidão, ou seja, aqueles que manifestam uma maior necessidade de pertença são os que tendem a sentir-se mais sozinhos (Mellor, Stokes, Firth, Hayashi, & Cummins, 2008); e, inversamente, quando os indivíduos estão mais satisfeitos com as relações interpessoais exibem menores níveis de necessidade de pertença e de solidão. Para além disso, como referem Mellor e colaboradores (2008) os sentimentos de solidão assumem um papel mediador entre a necessidade de pertença e a satisfação com a vida.

Todavia, as relações específicas que a solidão mantém com a ideação suicida ainda não estão muito bem compreendidas (Lasgaard et al., 2010) e poucos estudos dedicam uma importância central ao estudo da solidão na adolescência (Page et al., 2006), mas os que até ao momento abordam esta temática revelam que a solidão é comum nesta faixa etária, manifestando-se através de sintomatologia afetiva (e.g. tristeza, depressão ou desesperança), cognitiva (e.g. visão negativa de si mesmo, desvalorização pessoal ou sentimentos de inferioridade) e comportamental (e.g. inibição social) (para uma análise mais detalhada ver: Heinrich & Gullone, 2006).

A solidão pode caracterizar-se como “solidão por isolamento emocional”, devido à perda ou falta de laços de intimidade ou vinculação a pessoas significativas, por exemplo, o melhor amigo ou os pais, e como “solidão por isolamento social”, resultante de um défice ao nível do envolvimento com os outros - rede social - tais como os colegas ou vizinhos (Gierveld, Tilburg, & Dykstra, 2006; Krause-Parello, 2008)

Os estudos que analisam a solidão na adolescência e a sua relação com o comportamento suicidário mostram resultados muito relevantes. Page et al. (2006) utilizaram uma amostra composta por adolescentes de três países e a análise a cada um dos grupos evidenciou uma relação significativa entre as tentativas de suicídio nos últimos 12 meses e a solidão no momento da participação no estudo, sendo um resultado válido para ambos os sexos. Apesar disso, não foram tecidas considerações acerca de possíveis relações causais entre estas variáveis. No mesmo estudo, foi possível verificar uma associação entre os sentimentos de desesperança e as tentativas de suicídio. No entanto, uma vez removido o efeito da solidão, essa relação desaparecia em alguns grupos e noutros tornava-se significativamente mais fraca. Isto mostra que, mesmo que o sujeito apresente sentimentos de desesperança, um bom suporte social pode ser um fator protetor contra as tentativas de suicídio. Também Rudatsikira et al. (2007) verificaram que maiores níveis de solidão estão associados a um aumento das ideias de suicídio. Já o suporte social apresenta uma relação oposta, ou seja, quando os indivíduos estão menos apoiados socialmente apresentam maiores níveis de ideação suicida (Arria et al., 2009; Curran et al., 2009). Outros dados sugerem que os indivíduos que atribuem o fracasso interpessoal às suas próprias características e capacidades tendem a apresentar maiores níveis de solidão, não havendo diferenças culturais a este nível (Anderson, 1999), o que demonstra que a relação entre estas variáveis se assume como universal na adolescência. Kirkcaldy et al. (2004) verificaram que a autoimagem negativa constitui um preditor dos desejos de morte nos adolescentes do sexo feminino. No mesmo sentido, Façanha, Erse, Simões, Amélia e Santos (2010) verificaram que, durante a aplicação de um programa de prevenção do suicídio, quer no início da intervenção, quer no final, as adolescentes apresentavam valores de autoestima mais baixos e deixavam-se afetar mais facilmente pelos acontecimentos da vida quotidiana do que os rapazes. No entanto, há estudos que indicam que os estudantes universitários do género masculino apresentam maior falta de confiança na capacidade de desempenho e menor perceção de autoeficácia do que as estudantes (Cerchiari et al., 2005).

Estes resultados alertam para a necessidade de se ter em conta os sentimentos de solidão e de se desenvolver mais investigações na população adolescente onde esta variável seja incluída, particularmente no que diz respeito às investigações relativas ao comportamento suicidário. Por outro lado, é possível identificar estudos – também em adolescentes – onde os sentimentos de solidão não demonstram capacidade preditiva sobre a ideação suicida (Lasgaard et al., 2010), o que sugere a necessidade de aprofundar o conhecimento acerca da relação entre estas variáveis.

Situando-se na mesma senda, Krause-Parello (2008), ao fazer um levantamento de dados existentes na literatura sobre a solidão em contexto escolar, refere que os estudantes ao mudarem de ambiente académico (por exemplo, mudar de universidade ou transitar da escola secundária para a universidade) podem sentir-se sem ligações aos pais, colegas e

professores e, como tal, sentirem-se emocionalmente isolados e sozinhos. Facto que é bastante relevante, uma vez que a presença de valores clínicos de solidão está associada não só a piores níveis de saúde mental e bem-estar, assim como a um agravamento na saúde física e a um aumento do risco de morte (Krause-Parello, 2008; Patterson & Veenstra, 2010).

Ideação suicida, psicopatologia e variáveis sociodemográficas

De acordo com o estudo de Cerchiari et al. (2005) os distúrbios psicossomáticos parecem ser os transtornos mentais mais frequentes nas populações universitárias. O mesmo estudo indica ainda que, em termos percentuais, 28% dos estudantes revelaram stress psicológico, 26% manifestaram desconfiança em relação ao seu desempenho, 25% demonstraram um indicador global de saúde mental desfavorável e 15% revelaram desejos de morte. Apesar de se tratar de uma percentagem considerável de estudantes com ideação suicida, este foi o fator que atingiu valores mais baixos. Tendo em conta estes dados é possível considerar que a falta de confiança no seu desempenho provoca níveis elevados de stress psicológico aos estudantes, que acaba por se manifestar através sintomatologia psicossomática, o que nos sugere que estas populações podem não possuir estratégias de coping adequadas para lidar com situações onde se deparam com dificuldades significativas, que não são verbalizadas ou elaboradas mentalmente, acabando por se expressar por sintomas físicos (Cerchiari et al., 2005). Portanto, a fraca capacidade de resolução de problemas e a falta de autonomia parecem ser fatores determinantes ao nível da manifestação de psicopatologia nesta população.

Importa referir que a saúde mental do estudante é afetada pela formação académica e, ao mesmo tempo, os níveis de saúde mental têm um impacto considerável sobre o seu desempenho profissional. Eisenberg et al. (2007) apontam dados que sustentam tais considerações, uma vez que verificaram que cerca de 18% dos alunos já admitiu falhar as suas obrigações académicas devido a problemas de saúde mental e cerca de 44% referiu que os seus problemas mentais ou emocionais já afetaram o seu desempenho académico. Portanto, os dados apresentados sugerem a existência de relações complexas entre estas variáveis e reforçam a necessidade de se articular adequadamente os diferentes domínios da vida do sujeito quando se desenham estratégias de intervenção.

Algumas variáveis sócio-demográficas têm sido alvo de alguma atenção no que diz respeito ao estudo da ideação suicida em adolescentes e estudantes universitários. Relativamente ao género dos participantes, a literatura, em geral, aponta para o facto de a ideação suicida, o comportamento automutilatório ou as tentativas de suicídio, serem mais comuns nas populações femininas do que nas populações masculinas, tanto universitárias como não-universitárias (Kirkcaldy et al., 2004; Borges & Werlang, 2006; Dervic et al., 2007; Rudatsikira et al., 2007; Chafey, 2008; Schaffer, Jeglic, & Stanley, 2008; Arria et al., 2009; Roberto, 2009), sendo também indicada uma probabilidade duas vezes superior de as

raparigas manifestarem ideação suicida, comparativamente com os rapazes (Borges & Werlang, 2006).

Também é possível encontrar investigações que sugerem não haver diferenças significativas entre ambos os géneros nos níveis de ideação suicida ou que mostram que este fenómeno é mais frequente nos estudantes masculinos (Eshun, 2000; Tyssen et al., 2001; Eisenberg et al., 2007; Eskin et al., 2011), mas os dados, na generalidade da literatura, apontam para uma maior prevalência de pensamentos suicidários nas amostras da população feminina.

A relação entre as ideias de suicídio e a moradia do estudante durante o tempo de aulas, que implica a análise das pessoas com quem ele habita, também tem sido alvo de investigação. Há estudos que demonstram que estar casado ou coabitar com o parceiro amoroso permite aos estudantes manter maiores níveis de saúde mental e menos pensamentos suicidas (Tyssen et al., 2001; Eisenberg et al., 2007). Por outro lado, Eisenberg et al. (2007) verificaram que aqueles estudantes que vivem com os pais ou com o cuidador têm uma maior probabilidade de desenvolver pensamentos suicidas do que os participantes que moravam em residências não-universitárias sem os pais/cuidadores responsáveis. De acordo com os estes autores, existem duas possíveis explicações para tais resultados: uma delas respeitando a um processo de seleção em que aqueles indivíduos mais vulneráveis continuam a viver com a família e a segunda respeitando a um processo causal em que aqueles que permanecem com os pais impedem o seu processo de individuação, suscitando o desencadeamento de psicopatologia. No entanto, o estudo acrescenta ainda que morar em residências universitárias está associado a uma menor manifestação de problemas mentais do que morar em residências não-universitárias sem os pais/cuidadores responsáveis. Todavia, é possível encontrar resultados contraditórios, uma vez que enquanto que uns estudos indicam que os aspetos sociodemográficos, como a idade, o género (como tem sido descrito ao longo desta reflexão) e a residência (morar com os pais ou longe da casa dos pais), predizem a ideação suicida, apesar de não serem tão relevantes como a presença de perturbações mentais (Gençöz & Or, 2006), outros indicam que não predizem a ideação suicida, nem a depressão (Lasgaard et al., 2010).

Os dados relativos à relação entre a ideação suicida e a idade na adolescência e início da idade adulta são contrastantes e, como tal, parece-nos ser necessário desenvolver mais investigações que analisem a relação entre ambas as variáveis. No estudo de Peter et al. (2008) e Borges e Werlang (2006) verifica-se que à medida que a idade aumenta a presença de ideias de suicídio diminui, havendo uma quebra particularmente notória quando o sujeito atinge os 17 anos de idade. No entanto, outros estudos indicam-nos que a probabilidade de os adolescentes vivenciarem a ideação suicida aumenta à medida que a idade avança (Rudatsikira et al., 2007), o mesmo sucedendo com as tentativas de suicídio (Maimon, Browning, & Brooks-Gunn, 2010). Por seu lado, Tyssen et al. (2001), Kirkcaldy et al. (2004) e

Lasgaard et al. (2010) verificaram que não existe relação entre a idade e a presença de ideação suicida. Kirkcaldy et al. (2004) adiantam que tais dados podem dever-se ao facto de se utilizarem idades muito próximas, não se operando mudanças significativas no desenvolvimento do indivíduo.

As condições económicas também são um fator associado aos transtornos psicológicos, entre eles a ideação suicida. Em geral, os estudantes que têm problemas financeiros tendem a evidenciar maiores níveis de depressão, ansiedade e ideação suicida. Um achado interessante refere-se ao fato de os estudantes que vivem em famílias economicamente muito privilegiadas terem uma maior probabilidade de desenvolver ideação suicida do que aqueles que têm uma situação económica considerada confortável. No entanto, é nas classes economicamente mais desfavorecidas que a sintomatologia depressiva, ansiosa e a ideação suicida tem uma maior probabilidade de ocorrer (cerca de 3 vezes mais) (Eisenberg et al., 2007). Em suma, os adolescentes que vêm de contextos sociais desfavorecidos onde existem dificuldades financeiras, com um nível educacional baixo, menor rendimento per capita e pobreza estão entre duas a três vezes mais propensos a desenvolver comportamentos ditos psicopatológicos e a tentar o suicídio, visto que estas circunstâncias têm sido apontadas como fatores de risco (Beautrais, 2003).

Comportamentos suicidários e o consumo de drogas

Relativamente ao uso de drogas, Dervic et al. (2007) encontraram dados que justificam uma associação positiva entre o consumo de estupefacientes e a ideação suicida. Especificamente, os autores verificaram que os estudantes com ideação suicida apresentavam consumos de substâncias mais frequentes do que aqueles sem ideação suicida (26.5% vs 6%, respetivamente). Por sua vez, o consumo de tabaco, que foi analisado isoladamente em relação às restantes drogas, rondava os 53% nos indivíduos com ideação suicida e os 34% naqueles sem ideias de suicídio. Os autores verificaram ainda que é nos estudantes do sexo masculino que estes comportamentos de risco são mais frequentes. No estudo de Arslan et al. (2009) pudemos verificar que tanto o consumo de tabaco como o de álcool estão relacionados com maiores níveis de depressão em estudantes universitários. Os indivíduos que consomem estas substâncias, simultaneamente, de forma excessiva, estão em maior risco de depressão, já que estas variáveis constituem fatores de risco significativos (Arslan et al., 2009). Tendo em conta a relação entre o abuso de substâncias e a ideação suicida e entre o abuso de substâncias e a depressão pode considerar-se que os indivíduos que apresentam quadros depressivos e que para lidar com o sofrimento psicológico se refugiam no abuso de álcool ou outras drogas estão em elevado risco de manifestar ideias de suicídio, assim como de por termo à sua própria vida. Os resultados obtidos por Curran et al. (2009) dão suporte a esta ideia, uma vez que demonstram que o abuso de álcool está associado à presença de ideação suicida com um nível de gravidade muito significativo. Os

estudantes universitários, estando na sua grande maioria deslocados do seu local de residência (Eisenberg et al., 2007), com pouco suporte social (Curran et al., 2009), por vezes com bastantes dificuldades em cumprir as exigências de formação e insatisfeitos com a sua educação, podem desenvolver sintomatologia depressiva, ansiosa ou stress (Bayram & Bilgel, 2008). Se a estas condições acrescentarmos a tendência para o abuso de álcool ou outras substâncias, podemos ver na população universitária um grupo em que os fatores de risco comuns para o suicídio se manifestam de forma particularmente frequente.

Os resultados obtidos por Schaffer et al. (2008) são muito claros no que diz respeito à análise das relações entre as ideias e o comportamento suicidário e o abuso de álcool em populações universitárias. Nesse estudo foi verificado que os estudantes que fazem consumos excessivos de álcool têm uma maior probabilidade de já ter tentado o suicídio no passado e de ter tido ideias de suicídio. Ao mesmo tempo, acreditam mais frequentemente do que aqueles que não bebem que irão fazer uma tentativa de suicídio no futuro. Ou seja, o consumo abusivo de álcool está associado a maiores níveis de ideação suicida e à medida que aumenta o consumo de álcool aumenta a probabilidade de um adolescente ou jovem adulto se envolver em comportamentos suicidários no futuro (Rudatsikira et al., 2007; Schaffer et al., 2008). No entanto, há também autores que não encontram relação entre o abuso de álcool e a ideação suicida (Garlow et al., 2008), mas estes dados são pouco comuns. Quando um sujeito tem consumos de álcool excessivos pode não ser apenas para aliviar ou fazer esquecer o sofrimento psicológico que o perturba. Pode ser também para obter um estado de desinibição de comportamento social que lhe permitirá ultrapassar determinados medos, para assim iniciar interações que no estado de sobriedade seriam muito difíceis, já que o sujeito está mais sensível a críticas, à rejeição e ao fato de ser julgado negativamente pelos outros.

Considerações Finais

Em síntese, com esta reflexão sobre diferentes dados em torno da ideação suicida e outras variáveis comumente associadas, nomeadamente, a sintomatologia depressiva, a solidão e as variáveis sociodemográficas e académicas, com ênfase para a população universitária, pretendemos alertar para um importante problema considerado em si mesmo, mas também suscitar interesse para o desenvolvimento de investigações empíricas. Resulta do exposto ser inegável a existência da ideação suicida na população universitária, devendo-se procurar aprofundar as especificidades deste fenómeno nesta população, através, por exemplo, do desenvolvimento de estudos comparativos com outras faixas etárias, uma vez que são escassos, para que melhor se compreenda a necessidade de intervenção neste grupo. Seria útil, de igual modo, proceder-se à identificação das características pessoais e contextuais capazes de discriminarem o processo de superação da ideação suicida do processo que conduz à sua consumação, de forma a se poder desenvolver

planos de intervenção adequados às problemáticas vivenciadas pelos jovens, em tão importante fase da vida.

Referências

- Alexandrino-Silva, C., Pereira, M., Bustamante, C., Ferraz, A., Baldassin, S., Andrade, A., & Alves, T. (2009). Suicidal ideation among students enrolled in healthcare training programs: A cross-sectional study. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 31(4), 338-344.
- Almeida, N. (2006). O jovem adulto e o suicídio. In B. Peixoto, C. B. Saraiva & D. Sampaio (Eds.), *Comportamentos Suicidários em Portugal* (pp. 207-230). Coimbra: Sociedade Portuguesa de Suicidologia.
- American Psychiatric Association. (2000). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (4ª ed., texto rev.). Washington, DC: Autor.
- Anderson, C. (1999). Attributional style, depression, and loneliness: A cross-cultural comparison of American and Chinese students. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 25(4), 482-499. doi:10.1177/0146167299025004007
- Arria, A., O'Grady, K., Caldeira, K., Vincent, K., Wilcox, H., & Wish, E. (2009). Suicide ideation among college students: A multivariate analysis. *Archives of Suicide Research*, 13(3), 230-246. doi:10.1080/13811110903044351
- Arslan, G., Ayrançi, U., Unsal, A., & Arslantas, D. (2009). Prevalence of depression, its correlates among students, and its effect on health-related quality of life in a Turkish university. *Upsala Journal of Medical Sciences*, 114, 170-177. doi:10.1080/03009730903174339
- Bayram, N., & Bilgel, N. (2008). The prevalence and socio-demographic correlations of depression, anxiety and stress among a group of university students. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, 43(8), 667-672. doi:10.1007/s00127-008-0345-x
- Beautrais, A. (2003). Life course factors associated with suicidal behaviors in young people. *American Behavioral Scientist*, 46(9), 1137-1156. doi:10.1177/0002764202250657
- Borges, V., & Werlang, B. (2006). Estudo de ideação suicida em adolescentes de 15 a 19 anos. *Estudos de Psicologia*, 11(3), 345-351.
- Bugay, A. (2007). Loneliness and life satisfaction of Turkish university students. Paper presented at the 4th Education in a Changing Environment Conference of the University of Salford, United Kingdom.
- Cavestro, J., & Rocha, F. (2006). Prevalência de depressão entre estudantes universitários. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 55(4), 264-267. doi:10.1590/S0047-20852006000400001
- Cerchiarri, E., Caetano, D., & Facenda, O. (2005). Prevalência de transtornos mentais menores em estudantes universitários. *Estudos de Psicologia*, 10(3), 413-420. doi:10.1590/S1413-294X2005000300010
- Chafey, M. (2008). Conducta e ideación suicida en estudiantes universitários. *Revista Griot*, 2(2), 5-17.
- Curran, T., Gawley, E., Casey, P., Gill, M., & Crumlish, N. (2009). Depression, suicidality and alcohol abuse among medical and business students. *Irish Medical Journal*, 102(8), 249-251.
- De Leo, D., Burgis, S., Bertolote, J., Kerkhof, A., & Bille-Brahe, U. (2006). Definitions of suicidal behavior: Lessons learned from the WHO/EURO Multicentre Study. *Crisis*, 27(1), 4-15. doi:10.1027/0227-5910.27.1.4
- Dervic, K., Akkaya-Kalayci, T., Kapusta, N., Kaya, M., Merl, E., Vogel, E., ... Friedrich, M. (2007). Suicidal ideation among Viennese high school students. *Wiener Klinische Wochenschrift*, 119, 174-180. doi:10.1007/s00508-006-0753-4.
- Eisenberg, D., Gollust, S., Golberstein, E., & Hefner, J. (2007). Prevalence and correlates of depression, anxiety, and suicidality among university students. *American Journal of Orthopsychiatry*, 77(4), 534-542. doi:10.1037/0002-9432.77.4.534
- Eshun, S. (2000). Role of gender and rumination in suicide ideation: A comparison of college samples from Ghana and the United States. *Cross-Cultural Research*, 34(250), 250-263. doi:10.1177/106939710003400303.
- Eskin, M., Voraček, M., Stieger, S., & Altınazar, V. (2011). A cross-cultural investigation of suicidal behavior and attitudes in Austrian and Turkish medical students. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, 46(9), 813-823. doi:10.1007/s00127-010-0254-7
- Façanha, J., Erse, M., Simões, R., Amélia, L., & Santos, J. (2010). Prevenção do suicídio em adolescentes: Programa de intervenção BELIEVE. *Saúde Mental, Álcool e Drogas*, 6(1), 1-16.
- Finger, I. (2008). *Validade de construto do Inventário de Depressão de Beck-II (BDI-II) em uma população universitária*. Dissertação de Mestrado (não publicada). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil.
- Fridner, A., Belkic, K., Marini, M., Minucci, D., Pavan, L., & Schenck-Gustafsson, K. (2009). Survey on recent suicidal ideation among female university hospital physicians in Sweden and Italy (the HOUPE Study): Cross-sectional associations with work stressors. *Gender Medicine*, 6(1), 314-328. doi:10.1016/j.genm.2009.04.006

- Garlow, S., Rosenberg, J., Moore, D., Haas, A., Koestner, B., Hendin, H., & Nemeroff, C. (2008). Depression, desperation, and suicidal ideation in college students: Results from the American Foundation for Suicide Prevention College Screening Project at Emory University. *Depression and Anxiety, 25*, 482-488. doi:10.1002/da.20321
- Gençöz, T., & Or, P. (2006). Associated factors of suicide among university students: Importance of family environment. *Contemporary Family Therapy: An International Journal, 28*(2), 261-268. doi:10.1007/s10591-006-9003-1
- Gierveld, J., Tilburg, T., & Dykstra, P. (2006). Loneliness and social isolation. In A. Vangelisti & D. Perlman (Eds.), *Cambridge handbook of personal relationships* (pp. 485-500). Cambridge: Cambridge University Press. doi:10.1017/CBO9780511606632.027
- Heinrich, L., & Gullone, E. (2006). The clinical significance of loneliness: A literature review. *Clinical Psychology Review, 26*(6), 695-718. doi:10.1016/j.cpr.2006.04.002
- Instituto Nacional de Estatística (2010). *Taxa de mortalidade por lesões autoprovocadas intencionalmente (suicídio) por 100 000 habitantes (N.º) por Local de residência (NUTS - 2002), sexo e grupo etário*. Acedido a partir de http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0003736&contexto=bd&selTab=tab2
- Joiner, T. (2005). *Why people die by suicide*. Cambridge: Harvard University Press.
- Kirkcaldy, B., Eysenck, M., & Siefen, G. (2004). Psychological and social predictors of suicidal ideation among young adolescents. *School Psychology International, 25*(3), 301-316. doi:10.1177/0143034304046903
- Krause-Parello, C. (2008). Loneliness in the school setting. *The Journal of School Nursing, 24*(2), 66-70. doi:10.1177/10598405080240020301
- Lasgaard, M., Goossens, L., & Elklit, A. (2010). Loneliness, depressive symptomatology, and suicide ideation in adolescence: Cross-sectional and longitudinal analyses. *Journal of Abnormal Child Psychology, 39*(1), 137-150. doi:10.1007/s10802-010-9442-x
- Maimon, D., Browning, C., & Brooks-Gunn, J. (2010). Collective efficacy, family attachment, and urban adolescent suicide attempts. *Journal of Health and Social Behavior, 51*(3), 307-324. doi:10.1177/0022146510377878
- Mellor, D., Stokes, M., Firth, L., Hayashi, Y., & Cummins, R. (2008). Need for belonging, relationship satisfaction, loneliness, and life satisfaction. *Personality and Individual Differences, 45*(3), 213-218. doi:10.1016/j.paid.2008.03.020
- Oliveira, A. (2006). Desafiar a Própria Morte Para Sentir a Vida. O contexto (Psico)social do Suicídio Adolescente. In B. Peixoto, C. B. Saraiva & D. Sampaio (Eds.), *Comportamentos Suicidários em Portugal* (pp. 207-230). Coimbra: Sociedade Portuguesa de Suicidologia.
- Page, R., Yanagishita, J., Suwanteerangkul, J., Zarco, E., Mei-Lee, C., & Miao, N.-F. (2006). Hopelessness and loneliness among suicide attempters in school-based samples of Taiwanese, Philippine and Thai adolescents. *School Psychology International, 27*(5), 583-598. doi:10.1177/0143034306073415
- Patterson, A., & Veenstra, G. (2010). Loneliness and risk of mortality: A longitudinal investigation in Alameda County, California. *Social Science & Medicine, 71*(1), 181-186. doi:10.1016/j.socscimed.2010.03.024
- Peixoto, B., & Azenha, S. (2006). Aspectos históricos, filosóficos e conceptuais do suicídio. In B. Peixoto, C. B. Saraiva & D. Sampaio (Eds.), *Comportamentos Suicidários em Portugal* (pp. 207-230). Coimbra: Sociedade Portuguesa de Suicidologia.
- Peplau, L. (1985). Loneliness research: Basic concepts and findings. In I. G. Sarason & B. R. Sarason (Eds.), *Social support: Theory, research and application* (pp. 270-286). Boston: Martinus Nijhof.
- Pereira, A., & Cardoso, F. (2015). Prevalence of suicidal ideation in a sample of the Portuguese university population. Manuscrito submetido para publicação.
- Peter, T., Roberts, L., & Buzdugan, R. (2008). Suicidal ideation among Canadian youth: A multivariate analysis. *Archives of Suicide Research, 12*(3), 263-275. doi:10.1080/13811110802100882
- Raue, P., Brown, E., Meyers, B., Schulberg, H., & Bruce, M. (2006). Does every allusion to possible suicide require the same response? *The Journal of Family Practice, 55*(7), 605-612.
- Roberto, A. (2009). A saúde mental dos estudantes de Medicina da Universidade da Beira Interior. Dissertação de Mestrado (não publicada). Universidade da Beira Interior, Portugal.
- Rudatsikira, E., Muula, A., Siziya, S., & Twa-Twa, J. (2007). Suicidal ideation and associated factors among school-going adolescents in rural Uganda. *BMC Psychiatry, 7*(67), 1-6. doi:10.1186/1471-244X-7-67
- Saraiva, C. (2006). *Estudos sobre o para-suicídio. O que leva os jovens a espreitar a morte*. Coimbra: Redhorse – Indústria Gráfica.
- Schaffer, M., Jeglic, E., & Stanley, B. (2008). The relationship between suicidal behavior, ideation, and binge drinking among college students. *Archives of Suicide Research, 12*(2), 124-132. doi:10.1080/13811110701857111.
- Sociedade Portuguesa de Suicidologia (2010). *Estatística*. Acedido a partir de http://www.spsuicidologia.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=5&Itemid=30
- Sociedade Portuguesa de Suicidologia (2013). *Tentativa de suicídio e Para-suicídio*. Acedido a partir de <http://www.spsuicidologia.pt/sobre-o-suicidio/procura-apoio/tentativa-de-suicidio-e-para-suicidio>

-
- Tysen, R., Vaglum, P., Grønvold, N., & Ekeberg, Ø. (2001). Suicidal ideation among medical students and young physicians: A nationwide and prospective study of prevalence and predictors. *Journal of Affective Disorders, 64*(1), 69-79. doi:10.1016/S0165-0327(00)00205-6
- Vieira, K. (2008). Depressão e suicídio: Uma abordagem psicossociológica no contexto acadêmico. Dissertação de Mestrado (não publicada). Universidade Federal de Paraíba, João Pessoa, Brasil.
- Wang, K., Yuen, M., & Slaney, R. (2009). Perfectionism, depression, loneliness, and life satisfaction: A study of high school students in Hong Kong. *The Counseling Psychologist, 37*(2), 249-274. doi:10.1177/0011000008315975
- World Health Organization (2000). Preventing suicide: A resource for primary health care workers. Acedido a partir de http://www.who.int/mental_health/media/en/59.pdf

Suicidal Ideation in University Population: A Literature Review

Abstract

This article analyses data on suicidal ideation with special emphasis in university populations, focusing on the analysis of prevalence data and in the relationship between suicidal ideation and factors commonly associated with it, such as depression, loneliness, drug use and sociodemographic and academic variables. Different studies point to worrying values of prevalence of suicidal thoughts, connected to the changes in the context of life and the demanding tasks linked with this period of academic and professional development. Finally, it points to the need of more research and the implementation of appropriate interventions for students who present psychopathology and psychological distress indicators.

Keywords

Suicide, suicidal ideation, psychopathology, university students.

Received: 30.05.2014

Revision received: 30.01.2015

Accepted: 30.05.2015